

Lengruber diz que moratória é pior

A declaração de moratória aos credores da dívida externa brasileira não passa de uma alternativa simplista e que estaria muito longe de se tornar realmente em solução a curto ou a médio prazo para a atual crise econômica que o País atravessa. Esta é a opinião do economista carioca

“choques externos”: a recessão da economia mundial, o aumento do preço do petróleo e a supervalorização do dólar. Mas cita também a má performance de nossa política econômica caracterizada pela volatilização, o que vem por sua vez provocar a falta de credibilidade e insegurança no ce-

Antonio Carlos Lengruber, diretor da área internacional do Banco Boavista e professor da Fundação Getúlio Vargas, que proferiu palestra ontem (seguida de debates) no auditório da Associação Brasileira de Mercado de Capitais — ABA-MEC, no Setor Comercial Sul.

“A alternativa da moratória é extremamente perigosa para o Brasil justamente por causa das dívidas a curto prazo, já que o fluxo de caixa seria extremamente afetado com o corte automático de nossos créditos no exterior. E na medida em que não se processasse o recurso da rolagem, a recessão e a inflação seriam muito mais profundas do que estão ocorrendo no momento, provocando sérias e imprevisíveis desestabilizações de nossa economia”, garantiu o Prof. Lengruber.

BALANÇO RETROSPECTIVO

Na sua palestra de improviso para os agentes de mercado de capital de Brasília, sob o tema “Conjuntura Nacional, Passado e Perspectiva”, o professor Antonio Carlos Lengruber fez um balanço retrospectivo do comportamento da economia nos últimos cinco anos, numa análise comparativa das taxas de inflação, crescimento real do PIB, expansão da base monetária, desvalorização cambial, correção monetária, taxa de juros e expansão da dívida pública interna — analisando a correlação desses fatores se refletindo no déficit da balança de pagamentos, na conta de juros (líquidos), reservas internacionais, dívida externa registrada e serviço de dívida externa.

“Nossos recursos caíram espetacularmente de 78 para cá. O Brasil perdeu muito em termos líquidos. Por isso não devemos ter ilusões: a dívida externa brasileira vai continuar crescendo, no mínimo dentro da taxa de juros. O que é necessário é encontrar a fórmula certa de se conseguir os novos investimentos, porque o problema da dívida externa está concentrado nos juros da rolagem”.

O professor da Fundação Getúlio Vargas justifica a atual crise por vários fatores, a um grupo deles ele chama de

nário da economia nacional:

“Não adianta o Governo anunciar medidas de autoridade, porque a volatilidade imposta pela política econômica desestrutura tudo. De janeiro de 1979 para cá, por exemplo, tivemos uns 10 períodos de políticas cambiais diferentes”.

Reafirmando que o déficit de nossas reservas em 82 e 83 caracterizam a necessidade de empréstimos novos, Lengruber lembra que essa explosão começou a partir de 79 numa aceleração enorme que provocou um déficit de conta corrente de quase 60 bilhões de dólares, déficit que, por sua vez, provoca a aceleração da dívida externa. Sobre o próximo acordo que está em vias de ser consumado com o FMI, ele acha que tudo está em pleno mistério, por enquanto, “porque vai ser muito difícil adivinhar os resultados que esse acordo vai proporcionar para a política econômica brasileira”.

Depois de diagnosticar como principal causa da situação atual “a combinação perversa da inflação e recessão, com a inflação se acelerando e a recessão se aprofundando”, o que gera a desestabilização econômica em todos os níveis, o economista aponta uma terceira saída para as negociações com os banqueiros, considerando que o primeiro “modelo clássico” (Jumbo) pelo visto não está dando certo e que a alternativa da moratória seria de alto risco:

“E preciso se encontrar um novo caminho para as negociações com os bancos internacionais, não só na ampliação do número deles (nada de medidas unilaterais), buscando um mecanismo no qual possa ser processada a recuperação automática de juros. Acho que essa renegociação automática terá de ser devidamente estudada”.

Defendendo a tese de que o ideal seria o controle da inflação, mas sem provocar uma recessão negativa em todos os sentidos, Lengruber citou o “hiato econômico” que isso provoca: “O Brasil está com um déficit de cerca de 60 bilhões de dólares, a nível de capacidade ociosa”.